

Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil
Quilombolas group and medicinal forest resources in southern Bahia, Brazil
Quilombolas et les ressources forestières médicinales dans le sud de Bahia, Brésil
Los Quilombolas y recursos forestales medicinal en el sur de Bahía, Brasil

Renata dos Santos Mota*
Henrique Machado Dias**

Recebido em 28/7/2011; revisado e aprovado em 2/11/2011; aceito em 28/1/2012

Resumo: Buscou-se interpretar o conhecimento tradicional de uma comunidade quilombola acerca do uso de espécies vegetais com fins terapêuticos. Adotaram-se entrevistas semiestruturadas e análise de discurso para sua interpretação. Identificaram-se no herbário 57 espécies com fins medicinais. Conclui-se que o conhecimento é imprescindível para manutenção sociocultural dessa comunidade vulnerável e como forma de geração de trabalho e renda à luz do desenvolvimento sustentável local.

Palavras-chave: Etnobotânica. Comunidades tradicionais. Interdisciplinaridade.

Abstract: We interpreted the traditional knowledge of a Quilombola group about the use of plant species for therapeutic purposes (medicinal). Were adopted semi-structured interviews and discourse analysis to its interpretation. We identified 57 species in the herbarium for medicinal purposes. It is concluded that knowledge is essential for maintenance of socio-cultural vulnerable community and as a way of generating jobs and income the light of local sustainable development

Key words: Ethnobotanical. Traditional group. Interdisciplinary.

Résumé: Nous avons essayé d'interpréter les connaissances traditionnelles d'une communauté Quilombola sur l'utilisation d'espèces végétales à des fins thérapeutiques. Ont été adoptées entretiens semi-structurés et de l'analyse du discours à son interprétation. Nous avons identifié 57 espèces de l'herbier à des fins médicinales. Il est conclu que la connaissance est essentielle pour le maintien de communautés vulnérables socioculturelles et comme un moyen de générer des emplois et des revenus de la lumière du développement durable local.

Mots-clés: Ethnobotanique. Communautés traditionnelles. Interdisciplinaire.

Resumen: Tratamos de interpretar los conocimientos tradicionales de una comunidad Quilombola sobre el uso de especies de plantas con fines terapéuticos. Se adoptaron entrevistas semiestruturadas y análisis del discurso para su interpretación. Se identificaron 57 especies en el herbario con fines medicinales. Se concluye que el conocimiento es esencial para el mantenimiento de las comunidades vulnerables socio-cultural y como una forma de generar empleos e ingresos a la luz del desarrollo sostenible local.

Palabras clave: Etnobotánica. Comunidades tradicionales. Interdisciplinario.

Introdução

Ao longo de sua existência, o ser humano acumulou informações (etnoconhecimento) sobre o ambiente a partir das constantes observações dos episódios característicos da natureza e na experimentação empírica no uso dos recursos naturais disponíveis (JORGE; MORAIS, 2003). Nesse sentido, o etnoconhecimento destaca-se por ter essa estreita cumplidade e interdisciplinaridade com todas as áreas da ciência, destacando-se a antropologia, biologia, química, farmacologia e física (DISTASI, 1996). Rodrigues e Carvalho (2001) afirmam que a etnobotânica, como subárea do etnoconhecimento, é o primeiro passo para a interdisciplinaridade envolvendo botânicos, agrônomos, antropólogos, médicos, químicos

e físicos, a fim de estabelecer quais são as espécies vegetais promissoras para pesquisas agrícolas, florestais e medicinais.

Albuquerque (2005) afirma que a etnobotânica torna possível o reconhecimento da distribuição, origem e diversidade das plantas cultivadas ao longo do tempo no espaço. Fonseca-Kruel e Peixoto, (2004), Maioli-Azevedo e Fonseca-Kruel (2007) e Alves *et al.* (2007) enfatizam que a etnobotânica diz respeito ao estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas. Cotton (1996) afirma que ela apresenta, como característica básica de estudo, o contato direto com as populações tradicionais, cuja confiança permita conquistar com aproximação e vivência, resgatando

* Bióloga. Universidade do Estado da Bahia/Teixeira de Freitas. E-mail: nannamotta23@hotmail.com

** Doutor em Meio Ambiente. Professor do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: henrique.m.dias@ufes.br

o conhecimento possível sobre a relação de afinidades entre o ser humano com as plantas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que aproximadamente 80% da população mundial dependem de remédios tradicionais e caseiros através do uso direto de plantas (BUENO *et al.*, 2005). Zuchiwschi *et al.* (2010) e Pinto *et al.* (2006) afirmam que a continuidade nesse uso pode ser ameaçada devido à interferência dos fatores externos à dinâmica social do grupo, como a exposição das comunidades às pressões econômicas e culturais externas. No Brasil, a ciência fitoterápica é uma prática terapêutica incentivada pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2001), e tem obtido um progresso considerável devido a sua comprovada eficiência. Almeida (2003) afirma que a utilização de plantas medicinais no país é uma prática comum, resultante da forte influência cultural dos indígenas miscigenados com as tradições africanas, oriundas de três séculos de tráfico de escravos negros e da cultura europeia trazida pelos colonizadores.

Em relação ao uso dos recursos florestais associados a populações tradicionais, Amorozo (1996) afirma ser este a forma desenvolvida pelas sociedades a respeito do uso no mundo vegetal, englobando a cultura do grupo social e a classificação sistemática no uso das plantas. Gottlieb *et al.* (1996) enfatizam que isso é importante no Brasil, uma vez que seu território abriga uma das floras mais ricas do mundo, da qual 99% são desconhecidas fitoquimicamente. Francischi *et al.* (2005) enfatizam que a população brasileira utiliza um arsenal terapêutico instituído por pelo menos trezentas plantas medicinais, sendo consumidas *in natura* ou em diferentes forma de preparação, movimentando um mercado de mais de US\$ 400 milhões/ano.

Rodrigues e Carlini (2003) afirmam que o país deveria ser um foco de descobertas de novos produtos fitoterápicos em virtude das altas taxas de biodiversidade e endemismo presentes nos seus biomas, associadas à diversidade cultural revelada em mais de 220 etnias indígenas e inúmeros grupos quilombolas distribuídos ao longo do território nacional, do que resulta em alta riqueza no conhecimento da flora brasileira quanto aos bens e serviços associados e seu potencial fitoterapêutico. Abreu (2007) afirma que a vinda de negros ao Brasil propiciou a troca de

elementos culturais relacionados às plantas, além disso, muitas são utilizadas nos rituais e sempre estiveram associadas aos velhos costumes africanos, e por isso, foram introduzidas aos seus hábitos cotidianos no país.

Nesse sentido, Barroso *et al.* (2010), Monteles e Pinheiro (2007), Pereira *et al.* (2007) e Rodrigues e Carlini (2003) abordaram a importância de se realizar levantamentos etnobotânicos das plantas medicinais em comunidades quilombolas, pois estas possuem amplo conhecimento no uso desses recursos vegetais medicinais. Esse fator está ainda mais relacionado, principalmente, com sua origem étnica (AMOROZO, 2002). No entanto, à medida que a relação com o território se transforma pela modernização no campo, a rede de transmissão do conhecimento sobre as plantas passa a sofrer alterações (ZUCHIWSCHI *et al.*, 2010). Amorozo (1996) afirma que a degradação ambiental e a intrusão de novos elementos culturais, nos sistemas de vida tradicionais, ameaçam o amplo acervo de conhecimento empírico assimilado por essa população ao longo das centenas de anos. Diante disso, Zuchiwschi *et al.* (2010) e Pilla *et al.* (2006) ressaltam que, ao resgatar o conhecimento popular das técnicas terapêuticas, também de certa forma se resgata o modo de aprendizado que contribuiu para a valorização da medicina popular local, subsidiando de informações os programas de saúde pública e conservação da biodiversidade.

Christo *et al.* (2006) afirmam que uma das ações prioritárias para os programas de conservação da biodiversidade é a inclusão de comunidades tradicionais no processo de proteção e manejo sustentável da biodiversidade. Esse fato pode ser observado com o estabelecimento da categoria de uso sustentável no processo de criação de unidades de conservação da natureza (LEI n. 9985/00), que estabeleceu um conjunto de áreas protegidas que permitem a permanência de populações tradicionais em seu interior (Exemplo - Florestas Nacionais; Reserva Extrativista; Reserva de Desenvolvimento Sustentável - RYLANDS; BRANDON, 2005).

Nesse sentido, o presente estudo objetivou realizar um levantamento etnobotânico em quintais florestais de uma comunidade remanescente de quilombolas, avaliando sua importância como fonte de conhecimento

tradicional agregado à biodiversidade local, junto das plantas medicinais, verificando suas indicações terapêuticas, posologia e procedência, bem como subsidiando programas que fortaleçam a proteção cultural dessas comunidades perante a sua susceptibilidade às atividades de degradação sociocultural e ambiental do entorno.

1 Área de estudo e breve histórico

Este estudo foi realizado no distrito de Helvécia (17°48'S; 39°39'W), município de Nova Viçosa, extremo sul da Bahia. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010), a população do município é de 38.256 e a do distrito de Helvécia, de 3.500 habitantes. A economia é fundamentalmente baseada na pequena agricultura (subsistência), pecuária e indústria madeireira para fins de carvão e celulose. O distrito traz sinais de um lugar que foi referência na concentração de negros escravos no interior do estado da Bahia, em todos os períodos em que se deu o processo da escravidão (ABREU, 2007).

A comunidade de Helvécia era uma colônia suíço-alemã estabelecida em 1818 e dependeu da mão de obra escrava para o cultivo do café até a Abolição, em 1888. Em meados de 1880, grande parte dos colonos já havia deixado a região, muitos dos quais retornando à Europa. Porém, após a Abolição, muitos dos ex-cativos permaneceram nas terras vizinhas das antigas plantações, praticando uma cultura de subsistência. A partir de 1897, a vila de Helvécia passaria a viver em função da estação ferroviária Bahia-Minas, que foi desativada em 1966. No entanto a implantação de monocultura de eucalipto alterou a fisionomia e a cultura da região, desalojando muitas famílias que viviam do cultivo e da produção familiar, em pequenas propriedades, para as grandes cidades. Atualmente, os remanescentes de quilombolas trabalham como empregados em grandes propriedades agrícolas, muitos sem direitos trabalhistas, ou sobrevivem da clandestinidade no roubo de eucaliptos e produção de lenha ilegal (ABREU, 2007). Porém alguns descendentes de quilombolas buscaram superar essa transformação cultural a partir da possibilidade de sobreviver respeitando

os costumes do passado e os valores dos ancestrais, procurando estratégias de desenvolvimento sociocultural. Foi quando, em 01 de março de 2004, a comunidade foi reconhecida como um remanescente de quilombola (ABREU, 2007).

2 Delineamento experimental

Foram realizadas seis idas ao campo para coleta das informações, sendo duas para levantamento dos informantes e quatro para as entrevistas semiestruturadas junto aos selecionados e para a coleta do material botânico. As entrevistas constaram de questionário individual, com perguntas referentes às plantas utilizadas por eles (MORAIS *et al.*, 2005 e RODRIGUES; CARVALHO, 2001). Os dados obtidos foram registrados em uma caderneta de campo. Para preservação da identidade dos entrevistados foram utilizados letras de A a D para a divulgação dos resultados e discussão ao longo deste trabalho. Tal questionário possibilitou aos entrevistados explanar suas opiniões e argumentos (ALENCAR; GOMES, 1998).

Os dados foram coletados a partir de uma amostragem intencional não-probabilística (ALENCAR; GOMES, 1998), por meio da qual os informantes foram selecionados de acordo com indicações de membros da própria comunidade. Os dados florísticos da etnobotânica foram coletados nos quintais dos entrevistados, conforme Pereira *et al.* (2007) e Pasa *et al.* (2005). Os quintais florestais estão localizados próximos às residências, mais precisamente nos fundos dos terrenos, e apresentam área média de 0,26ha, variando entre 0,08 e 1,0ha. De modo geral, as espécies vegetais encontram-se distribuídas aleatoriamente nas proximidades da casa não seguindo um arranjo espacial pré-definido.

Dos entrevistados, duas são mulheres e dois homens, com idade entre 45 e 65 anos, sendo os remanescentes diretos de 3ª geração de africanos. Estes compõem a amostra da entrevista recolhida junto da comunidade. Cabe ressaltar que a quantidade de entrevistados é baixa devido à escassez de informantes que foram selecionadas pela própria comunidade, junto dos critérios pré-estabelecidos por eles, *i.e.* amplo conhecimento tradicional sobre as plantas e parentescos mais próximo de ascendentes africanos.

Dos entrevistados, todos trabalham com pequenas propriedades agrícolas, dedicando-se à cultura de subsistência. Dessa produção, o eventual excedente é comercializado nas feiras livres no próprio distrito ou em outras localidades próximas, como Posto da Mata e Teixeira de Freitas, Bahia. Esse excedente provém normalmente da produção artesanal da farinha de mandioca ou de outras culturas agrícolas em menor proporção, como o feijão, milho, arroz, abóbora, batata e outros legumes.

Para o uso dessa metodologia, foi utilizada a pesquisa participante ou observação participante (BORGES, 2009; CARVALHO; SOUZA, 2000), como técnica da pesquisa qualitativa de levantamento de dados primários, propiciando uma aproximação melhor com o sujeito e com a realidade socioespacial da qual este faz parte, uma vez que inclui pessoas representativas. Portanto isso possibilita que o pesquisador tenha acesso ao cotidiano do sujeito pesquisado por meio do seu discurso e de sua prática social. Segundo Borges (2009), ela exige do pesquisador suas impressões pessoais e subjetivas sobre o que vai ser pesquisado e, portanto, requer uma relação estreita com seus objetos de pesquisas. Por isso é uma técnica em que o processo de observação é feito de maneira direta, analisando suas convivências cotidianas, e tem sido empregada em pesquisas que envolvem formas de interpretar e compreender o coletivo. Além do levantamento de dados e informações sobre o grupo pesquisado, Carvalho e Souza (2000) afirmam que essa técnica envolve a ação direta sobre a realidade do grupo pesquisado. Por isso esses autores ressaltam que a observação participante é uma proposta concreta

de procedimento metodológico.

Em relação à identificação dos espécimes vegetais, foram realizadas coletas do material botânico no momento das entrevistas. Todo o material foi herborizado conforme metodologia convencional aplicada em taxonomia vegetal no laboratório de Botânica da Universidade do Estado da Bahia – campus Teixeira de Freitas – e identificados por taxonomista do herbário da Universidade Estadual de Santa Cruz (HUESC), em Itabuna, Bahia, por meio de chaves analíticas de classificação botânica e por comparação com exsicatas depositadas naquele herbário.

Com base nas informações obtidas, foi elaborada uma listagem de espécies organizada por ordem alfabética das famílias botânicas, seguidas pelo nome científico, nomes populares, parte vegetativa utilizada e categoria de uso popular. Todas as plantas citadas foram coletadas na presença dos informantes, pois eles têm a tendência de coletar somente a parte usada da planta, dificultando a identificação, por isso foi dado um tratamento botânico mais amplo. A forma de tabulação e ordenação foi baseada por Alexiades (1996).

3 Plantas medicinais e etnoconhecimento

Através desta pesquisa, foram identificadas 57 espécies, as quais estão distribuídas em 32 famílias botânicas. As famílias com maior riqueza florística foram Asteraceae, Fabaceae e Lamiaceae (5 espécies cada), seguidas de Amaranthaceae, Myrtaceae, Poaceae, Rubiaceae e Verbenaceae (3 espécies cada). As demais famílias apresentaram uma ou duas espécies (Tabela 1).

Tabela 1 – Plantas em quintais florestais na comunidade de Helvécia, Nova Viçosa, Bahia.

Família/Táxon	Nome popular	Parte utilizada	Indicação (expressões populares dos informantes)
AMARANTHACEAE			
<i>Alternanthera cf. ficoidea</i> R.Br.	Anador	folha	Dor de cabeça e febre
<i>Alternanthera</i> sp.	Terramicina	folha	Antiinflamatório e disenteria
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze.	Imburana de rama	toda a planta	Antiofídico e dores
ANARCADIACEAE			
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	folha	Antecipa o parto
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira	folha	Diabetes, colesterol e próstata
APIACEAE			
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	folha	Gastrite e gases
ARECACEAE			

Família/Táxon	Nome popular	Parte utilizada	Indicação (expressões populares dos informantes)
<i>Cocos nucifera</i> L. ASTERACEAE	Coco-anã	fruto	Diarreia
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Alumã	folha	Gastrite e fígado
<i>Verbesina</i> cf. <i>macrophylla</i> (Cass.) Blake	Rabo-de-raposa	folha	Pano branco
<i>Bidens pilosa</i> L.	Pico preto	toda a planta	Hepatite, hemorragia e dores
<i>Tagetes minuta</i> L.	Inchota	folha	Machucados
<i>Chromolaena odorata</i> (L.) Robinson BIXACEAE	Arnica verdadeira	folha	Machucado da carne
<i>Bixa orellana</i> L. CAPPARACEAE	Corante	semente/fruto	Colesterol e asma
<i>Cleome aculeata</i> L. CARICACEAE	Xixi-de-galinha	toda a planta	Rins e uretra
<i>Carica papaya</i> L. CHENOPODIACEAE	Mamão	folha/flor	Afta e gastrite
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L. COSTACEAE	Erva-santa	folha	Emenda osso e vermes
<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe CRASSULACEAE	Cana-de-macaco	folha/flor	Rins e bexiga
<i>Kalanchoe</i> sp. CURCUBITACEAE	Saião	folha	Gastrite
<i>Momordica charantia</i> L. CYPERACEAE	Melão-São-Caetano	folha	Diarreia e diabetes
<i>Cyperus articulatus</i> L. EUPHORBIACEAE	Junça	raiz	Dor de cabeça e sinusite
<i>Jatropha caracas</i> L. FABACEAE	Metiolate	látex	Fechamento de cortes
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.)	Andu	folha/semente	Antibiótico, gengiva
<i>Desmodium barbatum</i> (L.) Benth.	Beicho-de-boi	toda a planta	Rins e uretra
<i>Senna</i> sp.	Fedegosinho	flor/raiz	Conjuntivite e diarreia
<i>Tephrosia purpurea</i> (L.) Pers.	Sena	folha	Purgante e febre
<i>Senna multijuga</i> (L.C.Rich.) H.S.Irwin LAMIACEAE	Angico	casca do caule	Tosse, asma, infecção útero e rins
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) Ait.f.	Cordão-de-frade	toda a planta	Pressão alta
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavaquinha	semente	Gripe, tosse, cisco do olho
<i>Mentha arvensis</i> L.	Vick	folha	Dor de cabeça, picada de inseto
<i>Ocimum seloi</i> Benth.	Manjerina	folha	Dores
<i>Ocimum gratissimum</i> L. LAURACEAE	Alfavaca Tiôô	folha/raiz	Desinflamação interna
<i>Persea americana</i> Mill. LORANTHACEAE	Abacate	folha/semente	Rins
<i>Struthanthus springifolius</i> Mart. MALPIGHIACEAE	Erva de bem-te-vi	folha	Desinflamação interna
<i>Malpighia emarginata</i> D.C. MALVACEAE	Acerola	folha	Gripe
<i>Gossypium barbadense</i> L.	Algodão	folha/semente	Dor de ouvido e antibiótico
<i>Sida canifolia</i> Cav. MENISPERMACEAE	Lingua-de-teiú	toda a planta	Disenteria
<i>Chondodendron microphyllum</i> Mold MORACEAE	Buta	raiz	Fígado e gastrite
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lamark	Jaca	raiz	Asma e tosse
<i>Morus nigra</i> L. MYRTACEAE	Amora	folha	Pressão alta

Família/Táxon	Nome popular	Parte utilizada	Indicação (expressões populares dos informantes)
<i>Eugenia jambolana</i> Lam.	Jamelão	folha	Diabetes e colesterol
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	folha/caule	Diarreia e diabetes
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	folha	Tosse e rouquidão
PHYTOLACACEAE			
<i>Petiveria tetrandra</i> Gomez.	Guiné	raiz	Sinusite e reumatismo
POACEAE			
<i>Dactyloctenium aegyptium</i> (L.) Willd.	Pé-de-galinha	folha	Gastrite e soltar urina
<i>Cymbopogon</i> sp.	Milagre	folha	Visão, pressão alta e coluna
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-santo	folha	Dor de cabeça
PUNICACEAE			
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	fruto	Gastrite
RUBIACEAE			
<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitch.	Trussisco	raiz	Reumatismo e resguardo
<i>Borreria capitata</i> DC.	Emenda-nervo	folha	Emenda osso
<i>Coffe arabica</i> L.	Café	semente	Diabetes
SROPHULARIACEAE			
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	toda a planta	Para crianças nascendo
URTICACEAE			
<i>Pilea cf. microphylla</i> (L.) L.	Brilhantina	toda a planta	Para vômitos e enjôos
VERBENACEAE			
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Brown.	Erva-cidreira	folha	Regular pressão e calmante
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Ric) Herter	Gervão	toda a planta	Purgante e febre
<i>Lantana camara</i> L.	Camará	folha	Gripe
VITACEAE			
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicol. & Jarvis	Insulina	folha	Diabetes
ZINGIBERACEAE			
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) Burt & Smith.	Açucena	raiz/flor/folha	Coração e pressão

Em relação ao perfil dos informantes, eles possuem uma linguagem terapêutica popular quase que própria no que se refere às enfermidades e aplicações das plantas, com algumas expressões bem particulares, como por exemplo: “*esta planta serve pra quem tá com intestino zangado*” (informante A), o que significa em uma linguagem popular: “prisão-de-ventre”. Todos os informantes salientaram que a dosagem utilizada é fundamental para a cura das enfermidades, e que o excesso dessas plantas ou o seu uso prolongado pode provocar “intoxicação”. Essa informação, à luz da observação participante (CARVALHO; SOUZA, 2000), demonstra certa precaução no uso dos recursos medicinais populares.

Similarmente aos resultados obtidos em outras localidades (FRANCO; BARROS, 2006; MONTELES; PINHEIRO, 2007), verificou-se que o maior número de espécies indicadas para esse estudo foi para o tratamento de doenças associadas ao aparelho respiratório, como por exemplo: “*tosse, gripe, resfriado, asma,*

rouquidão”, somando 13% do total (Tabela 1). Espécies indicadas para gastrite somaram 11% e, para o tratamento de diabetes e atividades renais, 10% cada uma. Para controle de pressão arterial e dores de cabeça, 8% cada uma. Sendo o restante distribuído em menor percentual para combate de dor de ouvido, afta, antecipação de parto, sinusite, picada de inseto, veneno de cobra, coração, doenças da mucosa, problemas que somados representam 36% dos casos a que se aplicam as espécies citadas neste estudo.

O modo de administrar o tratamento tradicional é por via oral, principalmente em forma de chá (70%), seguido do sumo (10%) e da “garrafada” (5%), este último sendo o processo no qual a planta fica imergida na água ou no álcool por um tempo determinado, comumente chamado pelos erveiros de “*vinhar na água ou no álcool*”. As espécies de Guiné (*Petiveria tetrandra*), Junco (*Cyperus articulatus*) e Aroeira (*Schinus terebinthifolius*) são exemplos de plantas preparadas como

“garrafadas”. O “banho” também é uma forma de preparo utilizada com algumas espécies, destacando-se a manga (*Mangifera indica*), utilizada pelas mulheres para antecipar o “parto da mulher”.

Algumas espécies são utilizadas misturadas com outros alimentos, a exemplo do mel de abelhas associado à Jaqueira (*Artocarpus heterophyllus*), do sal com o “emenda-nervo” (*Borreria capitata*) e outras espécies vegetais, como o “saião” (*Kalanchoe sp.*) indicados para tratamento de gastrite. De acordo com informante B, existem receitas que tornam mais eficaz a ação do tratamento, como exemplo: “não comer farinha, fritura e nem ingerir álcool”. No entanto, Alves *et al.* (2007) alertam que essa prática da mistura pode ser perigosa, pois nem sempre o processo de preparação é o mais indicado, mesmo para plantas diferentes, gerando combinações que resultam em efeitos imprevisíveis a saúde da pessoa que a ingeriu. Pilla *et al.* (2006) afirmam que um bom critério para justificar o uso de plantas medicinais é verificar a concordância no uso delas pela comunidade, ou seja, quanto maior for a concordância entre os membros, mais passível ela é para ser utilizada.

Neste estudo, a parte da planta mais utilizada foi a folha (56%), seguida do ramo foliar (20%) e da raiz (16%). Amoroso (2002) obteve resultados semelhantes estudando o uso e a diversidade de plantas medicinais em outras comunidades, principalmente no uso da estrutura vegetativa não fértil. Gonçalves e Martins (1998) afirmam que a explicação mais plausível para o uso das folhas na preparação de remédios deve-se ao fato de sua maior disponibilidade durante todo o ano e pela concentração da maior parte dos princípios ativos para o tratamento. Pilla *et al.* (2006) afirmam que o uso das folhas apresenta um caráter de conservação do recurso vegetal, a partir do extrativismo de produtos florestais não-madeiráveis, pois ela não impede o desenvolvimento vegetativo e, principalmente, não degrada o sistema reprodutivo da planta.

As comunidades extrativistas que habitam essa comunidade quilombola, assim como de outras regiões do país, necessitam direta e indiretamente dos produtos e serviços disponibilizados pelo ecossistema no qual residem, principalmente em regiões em que a população é vulnerável aos impactos promovidos pelo entorno (ABREU, 2007). Bastos

(1995) observou o mesmo paradigma para o litoral paraense, em que vários produtos, de origem vegetal, são utilizados na alimentação, na medicina caseira, na confecção de currais e barcos, e na obtenção de carvão, tintas e resinas para calafetagem de embarcações e como forma de geração de trabalho e renda.

Nenhum dos entrevistados transmitiu seus conhecimentos sobre a utilização, dosagem e preparo das plantas medicinais aos seus filhos. Dentre os motivos apresentados, destaca-se a falta de tempo ocasionada pelo trabalho dos filhos para ajudar na renda familiar e, principalmente, a falta de interesse por parte dos próprios familiares. Franco e Barros (2006) afirmam que vários são os fatores que contribuem para que o conhecimento da população tradicional sobre o uso das plantas medicinais fique armazenado junto às pessoas mais idosas da comunidade, não permitindo a transmissão desse conhecimento. Forey e Lindsay (1997) afirmam que os medicamentos tradicionais (alopáticos) fizeram com que os tratamentos à base de ervas ficassem em desuso, demonstrando assim a perda de uma cultura ao longo dos anos.

Para estimular o reconhecimento dessas práticas pela população mais jovem da comunidade estudada, discute-se à luz de Fonseca-Kruel e Peixoto (2004), os quais afirmam que se deve estimular o conhecimento tradicional do meio ambiente a partir da criação de espaços que possibilitem o compartilhamento do saber entre os jovens da comunidade, bem como do estabelecimento de hortos que contribuam para a manutenção e valorização das tradições no uso de plantas.

Fonseca-Kruel e Peixoto (2004) também destacam o importante papel de seus estudos sobre o uso sustentável da biodiversidade a partir da valorização e aproveitamento do conhecimento empírico das sociedades humanas, bem como na definição de sistemas de manejo e incentivo à geração de conhecimento científico e tecnológico voltados para o uso sustentável dos recursos naturais. De forma similar, é imprescindível a geração de conhecimento como subsídio à implantação de propostas de geração de trabalho e renda e inclusão social em áreas carentes de políticas públicas de inserção comunitária, utilizando o conhecimento empírico das populações tradicionais locais. Nessa perspectiva, que o manejo dos recursos naturais torna-se um dos

instrumentos pelos quais se pode chegar a um processo de desenvolvimento sustentável à luz de sociedades sustentáveis (DIEGUES, 2001), pois qualquer sistema de gestão deve levar em consideração não só a diversidade de cenários ambientais, como também os cenários econômicos, políticos, sociais e culturais (SOARES, 2002).

Nesse enfoque, Sauer (2004) integra todos esses fatores abordados (usos diretos e indiretos dos recursos florestais) como dois elementos de paisagens interligadas, um no sentido de área física, como o somatório de todos os recursos naturais que o ser humano tem a sua disposição na área, e outro como a sua expressão cultural, de saber, “a marca da ação do ser humano sobre a área”. Ou seja, as pessoas associadas dentro e com a área, tendo grupos associados por descendência ou tradição.

Considerações finais

Durante o levantamento etnobotânico, verificamos que esse conhecimento mostra-se como uma ferramenta sócio-ambiental-cultural eficiente para prática de manejo sustentável e conservação de espécies florestais de uso local. No entanto também verificamos que esse conhecimento tradicional junto a esta comunidade quilombola em Helvécia está sendo perdido, principalmente devido à baixa assimilação desse conhecimento pelos descendentes diretos. Nesse sentido, uma revisão das políticas de valorização cultural dessa comunidade, associada com o desenvolvimento educacional e científico, torna-se perspicaz para um melhor engajamento desse remanescente cultural no extremo sul da Bahia.

Referências

- ABREU, E. L. B. Políticas Públicas culturais nas Comunidades quilombolas do extremo sul da Bahia em questão. *Segmentos*, Teixeira de Freitas, v. 1, n. 1, p. 15-27, 2007.
- ALBUQUERQUE, U. P. *Introdução a Etnobotânica*. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.
- ALENCAR, E.; GOMES, M. A. O. *Metodologia de pesquisa social e diagnóstico rápido participativo*. Lavras: UFLA/FAEPE, 1998.
- ALEXIADES, M. N. *Selected guidelines for Ethnobotanical research: a field manual*. New York: The New York Botanical Garden, 1996.
- ALMEIDA, M. Z. *Plantas medicinais*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2003. 150 p.
- ALVES, R. N. *et al.* Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. *Revista Eletrônica de Farmácia*, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 175-198, 2007.
- AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio de Leveger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). *Plantas medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 47-68.
- BASTOS, M. N. C. A importância das formações vegetais da restinga e do manguezal para as comunidades pesqueiras. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, ser. Antropologia*, Belém, v. 11, n. 1, p. 41-56, 1995.
- BORGES, M. C. Da observação participante à participação observante: uma experiência de pesquisa qualitativa. In: RAMIRES, J. C. L.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009. p. 183-198.
- BUENO, A. R. *et al.* Medicinal Plants used by the Kaiowá and Guarani indigenous populations in the Caarapó Reserve, Mato Grosso do Sul, Brazil. *Acta Botanica Brasilica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 39-44, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Proposta de política nacional de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos*. Brasília, DF, 2001.
- BARROSO, R. M.; REIS, A.; HANAZAKI, N. etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara (*Euterpe edulis* Martius) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo. *Acta Botanica Brasilica*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 518-528, 2010.
- CARVALHO, N. D.; SOUZA, M. M. O. A pesquisa participante no contexto da geografia agrária: pressupostos teóricos e possibilidades práticas. In: RAMIRES, J. C. L.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2000. p. 139-161.
- CHRISTO, A. G.; GUEDES-BRUNI, R. R.; FONSECA-KRUEL, V. S. Uso de recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes à reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: estudo de caso na Gleba Aldeia Velha. *Rodriguesia*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 519-542, 2006.
- COTTON, C. M. *Etnobotany: principles and applications*. New York: J. Wiley, 1996. 320 p.
- DI STASI, L. C. *Plantas medicinais: arte e ciência*. Um guia de estudo Interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996. 31p.
- DIEGUES, A. C. *Ecologia humana e planejamento costeiro*. 2. ed. São Paulo: NUPAUB, USP, 2001.
- FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica da reserva extrativista marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 177-190, 2004.
- FOREY, P.; LINDSAY, R. *Plantas medicinais*. Lisboa: Atlantis Publications, 1997.

- FRANCISCHI, J. N. *et al.* *A farmacologia em nossa vida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. *Revista Brasileira Plantas Medicinais*, Botucatu, v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006.
- GONÇALVES, M. I. A.; MARTINS, D. T. O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. *Revista Brasileira Farmacognosia*, Rio de Janeiro, v. 79, n. 3/4, p. 56-61, 1998.
- GOTTLIEB, O. R.; KAPLAN, M. A. C.; BORIM, M. R. M. B. *Biodiversidade*. Um enfoque químico-biológico. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *IBGE cidades*. Nova Viçosa, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em: 15 set. 2011.
- JORGE, S. S. A.; MORAIS, R. G. Etnobotânica de plantas medicinais. In: COELHO, M. F. B. *et al.* (Org.). *Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais*. *Anais do Seminário de Etnobiologia, Etnoecologia, Cuiabá*: Unicem, 2003. p. 89-98.
- MAIOLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V. S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. *Acta Botanica Brasilica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 263-275, 2007.
- MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, João Pessoa, v. 7, n. 2, 2007.
- MORAIS, S. L. *et al.* Plantas medicinais usadas pelos índios Tapebas do Ceará. *Revista Brasileira Farmacognosia*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 169-177, 2005.
- PASA, M. C.; SOARES, J. J.; NETO, G. G. Estudo Etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta Botanica Brasilica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.
- PEREIRA, L. A. *et al.* Plantas Medicinais de uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental: Aspectos utilitários de espécies das famílias Piperaceae e Solanaceae. *Revista Brasileira de Agroecologia*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2007.
- PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. L.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.
- PINTO, E. P. P.; AMOROSO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica - Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.
- RODRIGUES, E.; CARLINI, E. A. Possíveis efeitos sobre o sistema nervoso central de plantas utilizadas por duas Culturas brasileiras (quilombolas e índios). *Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 147-154, 2003.
- RODRIGUES, V. E. G., CARVALHO, D. A. Levantamento Etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região alto rio grande - Minas Gerais. *Ciências Agrotecnicas*, Lavras, v. 25, n. 1, p. 102-123, 2001.
- RYLANDS, A. B.; BRANDON, K. Unidades de conservação brasileiras. *Megadiversidade*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 27-35, 2005.
- SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 12-74.
- SOARES, M. L. G. Ética e conservação da diversidade biológica. In: BARTHOLO, R.; RIBEIRO, H.; BITTENCOURT, J. N. (Orgs.). *Ética e sustentabilidade*. Rio de Janeiro: Engenho & Arte, 2002. p. 99-132.
- ZUCHIWSCHI, E.; FANTINI, A. C.; ALVES, A. C.; PERONI, N. Limitações ao uso de espécies florestais nativas pode contribuir com a erosão do conhecimento ecológico tradicional e local de agricultores familiares. *Acta Botanica Brasilica*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 270-282, 2010.